

## PEDOFILIA E A IGREJA: O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

Ana Caroline Adriano da Silva<sup>1</sup>  
Claudia Waltrick Machado Barbosa<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo teve como objetivo compreender como acontece a preparação dos seminaristas, especialmente voltado a questões psicológicas relacionadas às obrigações e deveres do clero (e como este se posiciona ao tema citado), principalmente em relação ao voto de castidade e o celibato (renuncia ao casamento) e se isso de alguma forma influencia ou não para os casos de pedofilia cometidos pelo clero, uma vez que a pedofilia está se tornando cada vez mais, notícia frequente em nossas mídias, enfatizadas as que acontecem no âmbito clerical, uma vez que sempre aconteceram, não somente na Igreja Católica, mas em todos os lugares. Buscando compreender a pedofilia como um transtorno e as consequências da abnegação sexual na vida dos sacerdotes, assim então podemos compreender de que forma isso funciona e como o celibato interfere (ou não) na sexualidade, sendo que este é obrigatório, pois o sacerdote deve restringir-se a ser apenas um servo de Deus.

**Palavras chaves:** Clero, Igreja, Pedofilia, Seminaristas, Celibato e Castidade.

### PEDOPHILIA AND THE CHURCH: THE OTHER SIDE OF HISTORY

### ABSTRACT

The purpose of this article was to understand how the preparation of seminarians is concerned, especially with regard to psychological questions related to the obligations and duties of the clergy (and how this one stands on the subject), especially regarding the vow of chastity and celibacy ) and if this in any way influences the cases of pedophilia committed by the clergy, since pedophilia is becoming more and more frequent news in our media, emphasizing those that happen in the clerical scope, since they always happened , not only in the Catholic Church, but everywhere. Seeking to understand pedophilia as a disorder and the consequences of sexual self-denial in the lives of priests. So then we can understand how this works and how celibacy interferes (or not) in sexuality, which is obligatory, since the priest must restrict himself to being only a servant of God.

**Keywords:** Clergy, church, pedophilia, seminarians, celibacy and chastity.

### INTRODUÇÃO

A Igreja Católica é de certa forma, uma constituição e nela são criadas regras, onde todos devem seguir, essas normas podem ser um pouco diferentes, dependendo da posição e

---

<sup>1</sup>Aluna da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST

<sup>2</sup> Psicóloga; Pedagoga, Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

colocação de cada um dentro dela. Dentre as normas da igreja voltadas para o clero encontrasse o celibato que é obrigatório juntamente ao voto de castidade (sendo este destinado a todos os cristãos), entramos então na relação dessas normas com a pedofilia que acontece nos seminários, sacristias, paróquias lugares estes do domínio da Igreja Católica.

Abordamos também a questão da psicologia dentro da mesma, sendo que esta seria importante, fazendo parte da preparação dos seminaristas, na construção da identidade, para assim descobrir suas reais vocações e limites como um servo de Deus, de modo que tenham um melhor processo na escolha para o clérigo, livrando, portanto, as leis da Igreja Católica como causa da pedofilia causada por seus sacerdotes. Não nos esqueçamos de que a psicologia se faz presente na igreja desde os tempos mais remotos, pois os padres vistos como pessoas sábias e de confiança eram procurados não somente para confissões, mas também para aconselhamentos.

Tendo este trabalho sido feito buscando relacionar a igreja à psicologia e de que forma ela pode ser utilizada no âmbito clerical, o tema Pedofilia e Igreja se deu devido a ampla divulgação pela mídia de casos de pedofilia envolvendo padres, que levou a Igreja Católica a interromper o silêncio e o Papa João Paulo II a se pronunciar da seguinte forma: “[...] a pedofilia é um crime que não tem lugar na Igreja [...]” (HISGAIL 2007, p. 38).

Sabe-se que há inúmeros casos de pedofilia no mundo, muitos descobertos pelas autoridades e divulgados pela imprensa; entretanto, Hisgail (2007, p. 33-34) salienta que a ampla divulgação também resultou em lesões a direitos de pessoas que erroneamente foram julgadas como pedófilos: “a ocorrência de insultos, difamações e acusações por parte das autoridades policiais e denúncias anônimas produziram reações sociais de violência contra inocentes”.

Segundo Cucci e Zollner (2011, p. 63) evitemos, antes de tudo, a insinceridade, ou seja, evitemos nos concentrar no limitado número de casos de pedofilia verificados na Igreja Católica; em vez disso, abramos os olhos diante do drama de uma infância violada e abusada com muita frequência e por toda parte, mas sem escândalo.

De acordo com Pereira (2012), é complexo falar sobre sexualidade no contexto religioso assim como entre os seres humanos em geral, pois a sociedade, no seu ideal imaginário e mítico vê a figura do religioso como um ser assexuado, que não possui desejos. Entre religiosos jovens, tem-se avançado na compreensão da possibilidade de expressão de tais questões. Embora se tenha percebido abertura e avanços no diálogo e na formação para discutir sexualidade na juventude da vida religiosa consagrada, mesmo assim o tema ainda é pouco discutido.

O voto de castidade e o celibato, não sendo trabalhado e por sua vez, em muitas ocasiões, não compreendido, futuramente pode causar frustração devido ao sim da renúncia, sem ao menos saber se realmente conseguirá sustentar a consequência de sua escolha. Seguindo o ditado popular “toda escolha tem uma consequência”, podemos então nos perguntar o motivo do desígnio a algo maior do que se pode sustentar, num meio onde a renúncia e o voto são de extrema acuidade, não apenas para si, mas principalmente para todos que esperam da igreja e de seus servos uma plenitude do que é certo e errado, sendo estes os exemplos do povo que espera e se espelha nos guias espirituais.

Segundo Silva (2010), desde os primórdios, principalmente após o Concílio de Trento (1545-1563), quando o celibato se torna obrigatório, a Igreja Católica lida com problemas relacionados à questão da sexualidade dos seus presbíteros e seminaristas. Tema midiático, os questionamentos de como está sendo trabalhada a sexualidade de homens que dedicam suas vidas ao sacerdócio e ao celibato nem sempre são abordados com a profundidade, o rigor e a isenção que o tema parece merecer.

Para Jung (2002, p. 40) “a sexualidade não é mera instintividade, é um poder indiscutivelmente criador que é não somente a causa fundamental de nossa existência individual, como um fator em nossa vida psíquica, a ser levado com muita seriedade”. Sendo a pedofilia um tema de grande discussão, considerado pela sociedade um crime terrivelmente apavorante e alarmante, pois diz respeito a um crime contra menores. É um problema de saúde pública altamente prevalente, que ocorre praticamente em todos os países, grupos étnicos, educacionais e socioeconômicos.

A prática da pedofilia, portanto, é um fenômeno mundial e não de culturas particulares, facilitada pela internet, com a divulgação de fotos e vídeos de fácil acesso. Nesse contexto, Felipe (2006), explica que o Brasil ocupa o 4º lugar no ranking de material pornográfico na rede mundial de computadores. Quanto a isso, registros históricos revelam reações sociais extremamente ambivalentes a essa atividade sexual entre adultos e crianças, que variam desde a negação até a aceitação, mesmo que velada (DEBLINGER; HEFLIN, 1995).

Porém as anormalidades e ou doenças sexuais são tão antigas quanto à própria história da humanidade, na medida em que sempre acompanharam a expansão das civilizações, com seus diferentes povos, costumes e tradições. A ideia da sexualidade infantil vem desde os tempos antigos, causando sentimento de repulsa e indignação em parte da sociedade. Ao revés, na Grécia, a prática da pederastia era comum, sendo enquanto envolvimento sexual com adolescente com idade superior a doze anos e inferior a dezoito anos. Neste raciocínio, é mister se fazer aclarar o termo “*pederastia*” (*paiderastia*), que possui suas raízes na junção de duas

expressões gregas *paîs* (criança) e *erân* (amar), traduzindo-se, de forma literal, com ‘amar a meninos/amar a crianças’ (VERDAN, 2011, p.20).

Antigamente era muito comum meninas com doze anos já serem preparadas para o casamento, sendo uma cultura, que vem de muito tempo atrás. É durante a Idade Média que as inclinações de práticas da pedofilia se fortalecem. Nesta trilha de raciocínio, aponta Verdan (2011, p. 30) o seguinte:

[...] as relações mantidas com crianças e adolescentes passam a ter conotação exclusivamente sexual. Destarte, a criança passa a assumir papel de objeto de desejo dos adultos, inclusive, a própria Igreja Católica, instituição com determinante influencia durante este período, tolerava tais práticas.

Para tanto, quadra conceituar a pedofilia como um “desvio sexual caracterizado pela atração por crianças ou adolescentes sexualmente imaturos, com os quais os portadores dão vazão ao erotismo pela prática de obscenidades ou de atos libidinosos”. (CROCE; CROCE JÚNIOR, 2010, p. 707).

A pedofilia encontra-se no DSM - V na parte de transtornos parafínicos que corresponde a qualquer interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física. Sendo assim a pedofilia é considerado um transtorno. Para Trindade (2007), a pedofilia, classificada como espécie, está na categoria dos Transtornos Sexuais. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), é o gênero daqueles que buscam satisfação e estímulo sexual por intermédio de meios inapropriados.

Segundo o DSM - V (2013, p. 698) o diagnóstico da pedofilia é compreendido em três critérios: (a) Ao longo de um período mínimo de seis meses, fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas; impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo atividade sexual com uma (ou mais de uma) criança pré-púbere (geralmente com idade inferior a 13 anos); (b) As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo; (c) O indivíduo tem, no mínimo, 16 anos e é, pelo menos, 5 anos mais velho que a criança no critério A.

Trindade (2007, p. 19) trata da pedofilia como:

Um impulso ou excitação sexual de um indivíduo por crianças de 13 anos de idade ou menos, por no mínimo seis meses. O indivíduo diagnosticado como pedófilo deve ter, pelo menos, 16 anos de idade e ser, pelo menos, cinco anos mais velho do que a vítima.

O autor afirma que se trata de busca por satisfação sexual, através de meios inapropriados, no caso do pedófilo, a busca da criança como objeto de suas satisfações, colocando-a na condição de risco. Caracteriza-se por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos, que envolvem objetos, atividades e situações incomuns e causam sofrimento clinicamente significativo, bem como prejuízo nas funções social e profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. Portanto, como gênero, a parafilia enquadra-se na categoria de impulso sexual e preferência por parceiro que, por razão de idade ou outra, não é plenamente capaz de consentir.

Segundo Trindade (2007, p. 34-35), diversas causas podem levar à parafilia. Uma delas é o modelo psicodinâmico baseado nos estudos de Freud, a seguir resumidamente apresentados: (1) Fixação: ponto que corresponde a uma parada (stop) numa determinada fase do desenvolvimento psicosexual, dificultando ou impedindo a passagem para a etapa posterior; (2) Catexia: uma determinada quantidade de energia psíquica vinculada a uma condição específica; (3) Escolha objetal: a forma individual pela qual cada sujeito promove a escolha de seus objetos sexuais.

Sendo a pedofilia caracterizada pelo desejo sexual por crianças em idade pré-puberal ou no início da puberdade, salienta-se que este desejo dependendo do indivíduo, pode ser apenas por meninas, somente por meninos, ou por ambos. Porém, conforme o autor, essa condição é raramente desenvolvida em mulheres, o que não é consenso. Trindade (2007, p. 39), especifica que o desejo pode ser “exclusivamente homossexual, exclusivamente heterossexual, misto (meninos e meninas); intrafamiliar; extrafamiliar; tipo exclusivo (apenas crianças); tipo não exclusivo (crianças e adultos)”.

Já Hisgail (2007, p. 29) ressalta outra causa que pode levar o indivíduo a desenvolver a pedofilia referindo que “em diversos serviços de psiquiatria e psicologia pericial foi demonstrado que nos antecedentes históricos desses sujeitos constava o abuso sexual, na primeira infância, na maioria dos casos”. Para Telles (2008, p. 159), há diversos tipos de agressões sexuais, constantes ou únicas, com ou sem vítima, com ou sem local ou situação ideal. Na maioria dos casos, os indivíduos têm necessidade de exprimir a raiva através do crime sexual: “Inicialmente penso ser preciso esclarecer que não existe um perfil único de agressor sexual. Tampouco uma pessoa necessita ter uma doença ou retardo mental ou transtorno de personalidade para praticar um ato de violência sexual”.

Sanderson (2005) revela haver duas amplas categorias de pedófilos: os predadores e os não predadores. A primeira categoria costuma atrair a atenção da imprensa, pois sua atuação é o rapto, seguido do assassinato sexual das vítimas. Segundo a autora, esse tipo é pouco

frequente e abrange cerca de cinco ou seis crianças ao ano. São características deste tipo de pedófilo: pratica o rapto com intuito de abusar da criança, sendo que o abuso ocorre durante o rapto; não buscam o consentimento, isto é, ameaçam e ignoram o sentimento da criança; expressam sua raiva e hostilidade, entre outras necessidades através do sexo; o abusador, que é agressivo e sádico, sempre justifica seu comportamento.

Sanderson (2005, p. 73) explica ainda que a segunda categoria de pedófilos abrange a maioria dos abusadores sexuais de crianças. Cerca de 87% dos pedófilos são conhecidos das crianças e dos adultos. O pedófilo investe muito tempo no aliciamento para diminuir as chances de ser descoberto. Sanderson afirma que, para esconder a real face, “predadores, dissimulados, enganadores, manipuladores, metódicos e controladores” fingem ser “charmosos, simpáticos, compreensivos; úteis; generosos com o tempo, dinheiro, presentes e agrados; atenciosos; afetivos e disponíveis emocionalmente; voltados para crianças e amigáveis com elas”.

Assim como no mundo, também no Brasil os abusos sexuais são decorrentes da visão sobre a criança e integram história brasileira atual e passada. Azambuja (2004) reporta-se à época antes do descobrimento do Brasil, quando as crianças eram enviadas como grumetes ou pajens para acompanhar o rei e se casarem com os súditos da Coroa, conforme trecho a seguir:

A chegada das primeiras crianças portuguesas no Brasil, mesmo antes do descobrimento oficial, foi marcada por situações de desproteção. Na condição de órfãs do Rei, como grumetes ou pajens, eram enviadas com a incumbência de se casarem com os súditos da Coroa. Poucas mulheres vinham nas embarcações, e as crianças eram ‘obrigadas a aceitar abusos sexuais de marujos rudes e violentos’. Por ocasião dos naufrágios, comuns na época, eram deixadas de lado pelos adultos, entregues à fúria do mar (AZAMBUJA, 2004, p. 35).

Diniz e Coutinho (2009, p. 83) salientam que a pedofilia no Brasil ocorre há muito tempo:

[...] determinadas comunidades ribeirinhas da Amazônia, onde, devido ao costume, o fato do pai iniciar sexualmente suas filhas menores é aceitável, combinação de incesto e pedofilia, que explica a origem de uma lenda regional: a do boto cor de rosa que, em noites de lua cheia, se transforma em homem e engravida as virgens incautas (DINIZ; COUTINHO, 2009, p.83).

Segundo dados da III Jornada Estadual contra a Violência e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, ocorrida em Porto Alegre em 2005, mencionados pela autora, “[...] a cada 8 horas uma criança é vítima de violência/abuso sexual e, em 70% dos casos, tal situação se dá nas relações intrafamiliares” (FELIPE, 2006, p. 209).

Com a revogação do Código de Menores e a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, por meio da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, trouxe a condição de sujeitos de direitos às crianças e adolescentes, sendo a criança vítima de pedofilia amparada por Lei, mas os casos ainda vêm aumentando, o que é preocupante. A pedofilia em seu processo histórico atingiu diferentes seguimentos, e acabou atingindo a igreja. E este foi o objeto de estudo, no qual se debruçamos, na tentativa de trazer a psicologia como parte no modo de atenção ao preparo de jovens seminaristas em relação aos votos de castidade e sua condição de homem biologicamente constituído, uma vez que, analisado este contexto é que surgiram as seguintes indagações norteadoras do trabalho: os escândalos envolvendo o tema pedofilia e igreja comprometem emocionalmente os padres? Neste sentido, qual a posição do clero mediante a pedofilia na Igreja Católica? E como isso é trabalhado dentro dos seminários como futuros padres?

Referente a estas perguntas o estudo teve como objetivo geral entender como os padres se posicionam em relação às críticas voltadas para a Igreja Católica referente a pedofilia causada por seus colegas e se isso afeta de alguma forma os seminaristas em sua formação, bem como, os objetivos específicos, sendo estes : identificar as consequências do despreparo para o celibatário e o voto de castidade, discutir as implicações dos escândalos envolvendo a pedofilia no trabalho dos padres e apresentar a importância do apoio psicológico para os seminaristas.

A pedofilia na Igreja Católica emergiu publicamente no ano de 2002 e vem sendo cada vez mais frequente, abalando as principais estruturas da instituição e sua comunidade de fiéis, sendo que esta acontece há anos não somente na igreja, mas em todos os lugares. A compreensão sobre o corpo e a sexualidade, principalmente para jovens e adolescentes, e a defesa das múltiplas liberdades sexuais, não significam incitar diretamente às perversões sexuais. (CUCCI, 2011, p 48).

Doyle (2006, p. 10) aponta como causa principal para a ocorrência de abusos sexuais na instituição católica a castidade clerical: o celibato, pois para o autor:

A obrigação do celibato clerical possui uma longa e ferrenha história na Igreja Católica. Do século IV aos dias de hoje, vários papas e concílios mantiveram o celibato obrigatório. Ainda assim, não foi antes do II Concílio de Latrão (1139) que o celibato universal foi decretado e o casamento entre clérigos foi declarado inválido. Essa legislação foi reafirmada no Concílio de Trento (século XVI) e foi incluída em 1917 no Código de Direito Canônico. [...]. Todavia a história recorda significativa oposição de clérigos e laicos a respeito do celibato obrigatório, da decretação das leis ao século XX. (DOYL, 2006, p. 10)

O Concílio vaticano II reitera claramente a importância do celibato sacerdotal:

Pela virgindade ou pelo celibato observado por amor do reino dos céus, os presbíteros consagram-se por um novo e excelente título a Cristo, aderem a Ele e por Ele mais livremente se dedicam ao serviço de Deus e dos homens, com mais facilidade servem o seu reino e a obra da regeneração sobrenatural, e tornaram-se mais aptos para receberem, de forma mais ampla, a paternidade em Cristo. (DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 526-527).

Segundo Silva (2010), desde os primórdios, principalmente após o Concílio de Trento (1545-1563), quando o celibato tornasse obrigatório, a Igreja Católica lida com problemas relacionados à questão da sexualidade dos seus presbíteros e seminaristas. Afirma também que o celibato é o pilar da igreja, mas que também posto como regra estabelece conflitos entre a abstinência sexual e a vida sacerdotal, sendo que existiam e existem sacerdotes que quebram o voto para se relacionar com mulheres e obter o sacramento do matrimônio deixando de lado a vida clerical, e também os que se mantêm no sacerdócio e possuem relação sexual da mesma forma.

Tendo em vista que a castidade é levada em conta para os “guias espirituais” apenas na Igreja Católica romana, sendo que em outras religiões seus orientadores, como pastores, entre outros podem se casar, para Silva (2010, apud Reis 2012), o celibato é um símbolo de fortalecimento institucional que legitima os sacerdotes católicos como os representantes da pureza e santidade de Cristo, pelo qual se tornam os únicos capazes de conduzir os fiéis à verdadeira salvação pela celebração dos sacramentos católicos, principalmente a eucaristia e a penitência. É no Concílio de Trento que se fortalece a imagem do “santo padre” como agente religioso autorizado a consagrar a eucaristia, perdoar os pecados e instruir a consciência dos homens e mulheres para que, na morte, tenham um julgamento justo, garantindo aos fiéis o livramento das influências mundanas e infernais.

O celibato é obrigatório para que o sacerdote possua uma vida casta, sendo ele inteiramente voltado para as questões religiosas e que dizem respeito somente à igreja e ao seu povo, uma vida voltada para Deus sem nenhum tipo de vaidade relacionada a qualquer tipo de relação que não seja com a igreja.

O aspecto da subjetividade para Foucault (2004, apud Gomes 2004) foi a grande contribuição que o Cristianismo pôde dar à história da sexualidade, pois as técnicas da interiorização dadas nas confissões permitiam ao sujeito tomar consciência sobre si mesmo e seu corpo, embora tenham sido mecanismos de investigação, de saber, de controle e poder sobre os indivíduos. Com estas referências históricas, a moral sexual é uma realidade da cultura, porque é inevitável que, na sua organização social, a humanidade preveja um controle baseando-se em regras no uso e na expressão da sexualidade (DANTAS, 2010; FOUCAULT,

1979; 2004; SANTOS & CECCARELLI, 2010). Se a moralidade sexual contribuiu para o aspecto da subjetividade, impasses podem perpassar a vida de quem faz escolha pela consagração religiosa.

Como vimos, o celibato é obrigatório, mas lembramos de que a escolha que leva a ele é de livre vontade. Com base na questão do celibato e na preparação dos seminaristas, deveria o clero e toda a equipe de preparação dos candidatos ao sacerdócio avaliar as condições dos candidatos ao clérigo, para que tenham certeza de que estão escolhendo pessoas certas para o “cargo” e para que os seminaristas também tenham certezas de suas escolhas.

Os casos de pedofilia na igreja são inúmeros, sendo eles em seminários, mosteiros, paróquias, dioceses. Devido aos casos de pedofilia na igreja, podemos nos perguntar, onde entra a psicologia na preparação dos seminaristas, pois o acompanhamento psicológico é uma ferramenta importante na formação dos futuros presbíteros. Em relação a psicologia Rose (2015) nos fala que:

A avaliação psicológica é obrigatória para cada seminarista, onde nesta são testados o histórico sexual e emocional do jovem. Para muitos padres e seminaristas, o aconselhamento psicológico- “vá fazer terapia!”- parece ser uma forma de punição para aqueles que não aceitam a linha politicamente correta do seminário.

Com base nisso podemos nos perguntar qual seria então a verdadeira função de um seminário? Para que ele serve? Nós leigos conhecemos a sua real importância? Afinal nos tornamos guiados por pessoas que passam anos neste lugar, para uma melhor preparação a qual não conhecemos realmente.

O seminário tal como existe hoje em dia- ou melhor, como deveria existir- deve sua origem ao Concílio de Trento, no século XVI (1543-63). Esse importante concílio definiu o seminário como um “fértil criadouro de padre”. A própria palavra “seminário”, derivada do latim *seminarium*, descreve um local no qual plântulas são preparadas para uma posterior transplantação no solo. Em termos eclesiais um seminário é um local no qual um jovem é preparado para viver sua vocação sacerdotal em fidelidade e santidade para servir à Igreja. (ROSE, 2015, pg. 240)

No entanto, para adentrar numa vida sacerdotal, depende muito se a pessoa estará preparada e/ou terá vocação para esta forma de se viver, afinal ser sacerdote não é apenas uma profissão, mas sim uma forma de ver e viver a vida. Sendo que o presbítero poderá não saber e sentir-se confuso em relação à direção a ser tomada. Além do mais, quem decide dar outro destino para a sexualidade precisa munir-se de recursos internos, espirituais e psicoafetivos. Pereira (2012) afirma: “quem não tem aptidão, estrutura humano-afetiva e qualidade de alma pode ter sérios problemas com esse tipo de compromisso”.

Segunda Pereira (2012, p. 147), o celibato é um fenômeno estranho, ele pode afetar o psiquismo, o “equilíbrio”. No entanto, o destino que se dá para a sexualidade na vida religiosa consagrada, ou seja, a sublimação, não deixa de possibilitar nova compreensão dessa dimensão de estranheza e constitui contribuição social, uma vez que, na compreensão do conceito psicanalítico a pulsão é transfigurada em vista da civilização humana. E nem todos têm disposição interna para sublimar algo da natureza para além da esfera natural. A partir dessa análise, a sexualidade e os destinos que os consagrados dão para este fenômeno, poderão ser suscetíveis a impasses e seus membros podem se equivocar quanto à escolha do destino da pulsão. “O celibato não é para quem quer, e sim para quem pode”.

Por isso que para a escolha de uma vida sacerdotal é muito importante o conhecimento sobre si, e a ajuda nos semiáridos é de extrema importância para ajudar os seminaristas neste caminho do descobrimento do seu próprio eu, para que assim tenha-se certeza de suas escolhas, do que se quer, e se está no caminho certo.

## **METODOLOGIA**

Está pesquisa definiu-se, do ponto de vista metodológico, através de uma abordagem de pesquisa qualitativa, enfatizando a condição do pesquisador como sujeito e destacando a importância do seu diálogo com o campo empírico, no processo de produção de conhecimento.

Minayo (1994) esclarece que a pesquisa qualitativa examina uma relação dinâmica entre o mundo e a subjetividade do sujeito que não pode ser quantificada ou traduzida por números, sendo empregada na compreensão de fatos caracterizados por um alto grau de complexidade interna.

Em relação aos objetivos, foi utilizado uma pesquisa exploratória, pois teve como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito e construindo hipóteses. Dos procedimentos foi utilizado a pesquisa em campo, Fonseca (2002) comenta que a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanente inacabado.

Foram então entrevistados cinco participantes ao todo sendo três sacerdotes e dois seminaristas pertencentes ao Estado de Santa Catarina. A obtenção dos dados referentes à Pedofilia na Igreja Católica se deu através do roteiro de entrevista semiestruturado, com perguntas abertas, e locais de escolha dos participantes, onde possibilitou aos participantes um melhor conforto ao responder as questões. Após a coleta de dados foi então realizada a análise minuciosa dos dados, por meio de análise crítica para evitar distorções dos relatos.

## RESULTADOS

Para obtenção dos dados referentes à Pedofilia na Igreja, foi utilizado um roteiro de entrevista onde foram entrevistados dois seminaristas, o primeiro, 21 anos de idade, está no seminário a seis anos. O segundo, 30 anos de idade, está no seminário a 10 anos. Foram participantes também desta pesquisa, três sacerdotes, sendo o primeiro ordenado aos 26 anos de idade, atualmente com 59 anos de idade, ou seja, 33 anos exercendo o sacerdócio, permaneceu no seminário durante 7 anos. O segundo sacerdote, atualmente com 67 anos, exerce o sacerdócio a 38 anos e foi ordenado aos 28 anos e permaneceu no seminário por 16 anos. Já o terceiro, atualmente com 52 anos de idade, no sacerdócio a 25 anos, permaneceu no seminário durante 10 anos e foi ordenado aos 26 anos.

Para garantir os preceitos éticos, bem como a identidade dos participantes da pesquisa, utilizamos nomes fictícios para citar os entrevistados. Sendo o seminarista 1 – João; o seminarista 2 – Pedro; o sacerdote 1 – Jacó; o sacerdote 2 – Mateus; e o sacerdote 3 – Jeremias.

Para a realização da pesquisa com os seminaristas foram realizadas sete questões. Sendo estas: O que te trouxe até o seminário? Quando decidiu entrar, em algum momento foi trabalhado o tema sexualidade? O que pensa sobre a castidade e o celibato? O que você pensa sobre a pedofilia na Igreja Católica? Diante da formação que está tendo, possui alguma opinião do por que a pedofilia vem aumentando/acontece no âmbito da igreja? Já teve contato com a psicologia no seminário. Se sim de qual forma? Você acha que o trabalho de um psicólogo no seminário poderia ajudar a enfrentar as dificuldades? Diante de tais questionamentos, obtivemos as seguintes respostas:

Ao indagarmos sobre a motivação para entrar no seminário João respondeu: *“Primeiramente, o desejo de conhecer a vontade de Deus para a minha vida; depois, a beleza do ministério ordenado, no serviço aos que necessitam e na forma de seguir a Jesus como presbítero. Isto sempre esteve presente no meu caminho vocacional: a certeza de que eu posso ajudar as pessoas a terem um real encontro com a pessoa e o projeto de Jesus de Nazaré”*. Diante da fala de João, Arinze (2009, p.15), comenta que, a ideia do sacerdócio como um dom é importante para se entender como esses sujeitos orientam suas ações, ao menos em situações de palco. O dom é entendido como um chamado especial. Para o cardeal Francis Arinze – um dos principais entre os cardeais cotados para substituir Bento XVI após a abdicação deste em 28 de fevereiro de 2013 –, ser um sacerdote católico, ainda que por um único dia, já seria em si uma graça. Nenhum sacerdote deveria se esquecer de que recebeu um “dom”, por meio da

ordenação, que é sagrada. Uma vez recebido, tal dom deveria ser vivido com apreço e gratidão a Deus.

De acordo com Pedro: *“Desde de Criança, sempre quis ser padre. Minha família sempre foi muito católica, morávamos bem ao lado da Igreja. Sempre participei do grupo de coroinhas. Isso me colocava mais próximo aos padres e aos serviços do altar. Assim minha vocação foi sendo cultivada. Quando recebi pela primeira vez a Eucaristia, algo diferente aconteceu. Senti realmente que Jesus me chamava e queria algo de mim. Mas como tinha apenas 11 anos de idade, não compreendia. Depois mais tarde, fiz vários encontros vocacionais no seminário, para ingressar no mesmo no dia 29 de fevereiro de 2004, quando tinha 15 anos de idade”*. A exortação papal dá especial atenção à questão formativa nos seminários que são divididos em dois tipos. Os seminários menores – "erigidos para cultivar os germes da vocação" (COMPÊNDIO, 1983, p.1290) –, por meio de primeiros estudos, direção espiritual e uma formação religiosa com preocupação de possibilitar uma vida conveniente à idade dos jovens rapazes que nesses seminários adentram, qual seja, de quatorze a dezoito anos, enquanto ainda cursam o colegial, em regime de externato . O Papa João Paulo II (1990) cita em Mensagem dos Padres Sinodais ao Povo de Deus, que, depois de tê-los chamado e antes de enviá-los, melhor, para podê-los enviar a pregar, o Senhor pede-lhes um "tempo" de formação, destinado a desenvolver uma relação de comunhão e de amizade profunda consigo mesmo (Mt 13, 11). Na solicitude relativa às vocações sacerdotais, a Igreja inspira-se no exemplo de Cristo, onde empenhado na pastoral vocacional, destinada não somente a discernir, mas também acompanhar as vocações e conduzir ao sacerdócio somente aqueles que foram chamados e dar-lhes adequadamente a formação.

Ao questionarmos sobre a sexualidade, João respondeu que: *“Muitas vezes, graças a Deus, este tema foi abordado. Em formações, conversas com os formadores, nos encontros/retiros que fiz, este tema está sempre presente e é cada vez mais urgente refletir sobre isto, porque a sexualidade faz parte da vida de todo ser humano, inclusive do padre. Já Pedro disse que: Quando contava às pessoas que queria ser padre, sempre ouvia dizer que padre não poderia casar. Isso nunca aborreceu. Ninguém me obrigou a ir para o seminário. Lembro que em um dos encontros vocacionais que fiz, foi falado algo sobre a sexualidade e o celibato. Porém quando entrei no seminário definitivamente esse tema era bem mais abordado. Como fiz seminário menor (Ensino Médio), era um colégio interno. Tínhamos pouco contato com pessoas de fora do seminário. Era um seminário muito tradicional”*.

Segundo a Congregação para a educação católica (1992), há dois aspectos indissociáveis na vocação sacerdotal: o dom gratuito de Deus e a liberdade responsável do homem. A vocação

é um dom da graça divina, e sabe-se que ao responder ao chamamento de Deus, o homem oferece-se livremente a Ele no amor. Uma vez que o desejo de ser sacerdote não é suficiente, compete à Igreja, na sua responsabilidade de definir os requisitos necessários para a recepção dos Sacramentos instituídos por Cristo, distinguir a capacidade daquele que quer entrar no Seminário, acompanhá-lo durante os anos da formação e chamá-lo às Ordens sacras, se for julgado possuidor das qualidades requeridas. A formação do futuro sacerdote deve contemplar as quatro dimensões da formação: humana, espiritual, intelectual e pastoral. Para o candidato ser admitido à Ordenação Diaconal, a Igreja deve verificar que tenha sido atingida a maturidade afetiva do candidato ao sacerdócio.

Sobre a questão do que pensa em relação a castidade e o celibato João discorreu que: *“Com a Igreja, creio que a castidade é universal. Não somente os celibatários são chamados a serem castos, mas todas as pessoas, pois a castidade é uma virtude de pureza, de olhar o outro com os olhos de Deus. Quanto ao celibato, vejo-o como um dom precioso que Jesus confiou à Igreja, pois torna o ministro ordenado livre para inteiramente dedicar-se ao projeto do Reino de Deus; o celibato é uma bênção, não uma imposição. Como já disse um bispo, “não são muitos ‘nãos’, mas um grande ‘SIM’”.* Pedro por sua vez falou que: *“É importante estabelecer a diferença entre castidade e celibato. Castidade, junto com a pobreza e a obediência são virtudes evangélicas e aparecem em várias passagens bíblicas. Essas virtudes devem ser vividas por todos os cristãos católicos. É um mandamento: não pecar contra a castidade. Por isso a Igreja é contra o sexo antes do casamento. Conheço muitos jovens que vivem de fato isso, e esperam até o casamento. A Igreja entende que o sexo e a sexualidade de modo geral são importantes e sagrados. Por ser o sexo sagrado, ele deve ser vivido apenas numa relação sagrada que é o casamento. Já o celibato é uma norma disciplinar aos que assumirem o sacerdócio. Não está explicitamente contido na bíblia. Jesus dá alguns acenos sobre isso. Mas para nós, não é uma norma pela norma. Deve ser vivido e cultivado por amor a Igreja e ao Reino de Deus. É como uma pérola de grande valor que precisa ser cultivada e cuidada sempre. Se for vivido como obrigação, sem o sentido da entrega pelo Reino de Deus, ai torna-se um problema. Vale lembrar, que entre os padres católicos nem todos são obrigados a fazerem o voto celibatário. É o caso dos padres católicos de rito oriental. É a Mesma Igreja, a Mesma doutrina, são fiéis ao papa. Porém seguem algumas normas diferenciadas”.*

Nas pesquisas de Pereira (2004; 2012), analisando as motivações para a escolha presbiteral e para a vida religiosa consagrada, os participantes apontaram os motivos e as consequências referentes à sua escolha. Ficou evidenciado que há perdas e ganhos ao se fazer a transição da vida laica para a vida religiosa consagrada. Porém, a escolha remete para uma

realidade sempre maior do que se está renunciando. A pessoa que realiza tal escolha almeja viver a experiência do sagrado como chamado à transcendência (CENCINI, 2004). Para Silva (2010), o celibato é um símbolo de fortalecimento institucional que legitima os sacerdotes católicos como os representantes da pureza e santidade de Cristo, pelo qual se tornam os únicos capazes de conduzir os fiéis à verdadeira salvação pela celebração dos sacramentos católicos, principalmente a eucaristia e a penitência.

Sobre o que pensam em relação à pedofilia na Igreja Católica João respondeu: *“Infelizmente, esta praga está instalada em muitos âmbitos da vida social, inclusive na Igreja. É um escândalo, uma afronta à lei de Deus e sobretudo uma falta de caridade com os pequenos e indefesos. Com o Papa, creio ser isto a pedofilia: “Um crime que gera profundas feridas de dor e impotência, em primeiro lugar nas vítimas, mas também em suas famílias e na inteira comunidade, tanto entre os crentes como entre os não-crentes” (Carta do Papa Francisco ao povo de Deus, 20 de agosto de 2018)”. “É um mal que deve ser erradicado o quanto antes possível”. Para Pedro: “É sofrido para nós Igreja, ver essas atitudes por parte de padres. É claro que esta situação não acontece somente no meio eclesial. Creio que, por ser a Igreja Católica a grande modeladora da sociedade ocidental, quando esses casos acontecem e saem na mídia, causam choque, pois é como a própria cultura ocidental que é afetada, causando vários tipos de reações. Tenho claro que uma coisa é um pecado que se comete e que se alcança perdão através da confissão. Outra coisa é um Crime, que além da absolvição sacramental, precisa ser reparado diante da sociedade. É preciso entender também que cada caso é um caso. O que não se pode fazer é julgar mais de 1 bilhão de católicos no mundo todo, por causa do erro de alguns. É preciso claro tratar com severidade esses casos, mas também olhar com misericórdia”.*

Papa Francisco nos fala sobre isso em uma entrevista realizada no dia 16 de setembro de 2010: Em primeiro lugar, devo dizer que estas revelações foram para mim um choque, não apenas uma grande tristeza. É difícil compreender como esta perversão do ministério sacerdotal tenha sido possível. O sacerdote no momento da ordenação, preparado durante anos para este momento, diz o seu sim a Cristo para ser a sua voz, os seus lábios, a sua mão e servir com toda a existência, para que o Bom Pastor, que ama, ajuda e guia para a verdade esteja presente no mundo. É difícil de compreender como pode um homem que fez e disse isto cair depois nesta perversão. É uma grande tristeza, é triste também que a autoridade da Igreja não tenha sido suficientemente vigilante nem rápida, decidida, em tomar as medidas necessárias.

Referente à questão do porque a pedofilia acontece no âmbito clerical João diz que: *“Diante dos casos que vieram à tona nos últimos tempos, acredito que este escândalo é fruto*

*de uma falta de fidelidade ao projeto e à pessoa de Jesus. O cristão, leigo ou ordenado, que tem nele seus olhos fixos, jamais agirá desta forma, jamais cometerá tal crime. Francisco vem sendo uma voz profética, lembrando a Igreja todos os dias de sua verdadeira missão: anunciar o Evangelho da Alegria, com os olhos fixos em Jesus. Logo para Pedro: Alguns casos como nos Estados Unidos e Europa, são antigos e agora vieram a público. Não sei como a lei nesses países lidam com casos que aconteceram a 20 ou 30 anos atrás. O fato é que, tomando desse ponto de vista, até o final do Concílio Vaticano II tínhamos uma formação um tanto rígida para os seminaristas. Falar sobre sexualidade sempre foi um tabu. A igreja entendia o sexo apenas para a procriação. Hoje esse entendimento mudou. Antigamente o lema dos seminários eram: Estudo, trabalho e oração. A partir do vaticano II temos outras dimensões, entre elas destaco a dimensão humano afetiva. Isso tem sido de grande importância para a formação. É claro que muitos não se abrem, usam máscaras, tem medo de mostrar quem é de verdade. Isso acaba sendo dificultoso. Não podemos interferir na consciência das pessoas. Ela é um sacrário inviolável”.*

Segundo Papa Francisco (2008) É necessário afirmar com clareza que a pedofilia nunca fez parte da doutrina católica. Algumas coisas são sempre más, e a pedofilia é sempre má. Na educação dada nos seminários, na formação permanente dos sacerdotes, temos que ajudar os sacerdotes a permanecer realmente próximos de Cristo. Por isso, a Igreja deve fazer o possível para esclarecer qual é o ensinamento da Igreja e contribuir para a educação e a preparação dos sacerdotes, em formação permanente.

Na questão relacionada ao contato da psicologia no seminário João respondeu da seguinte forma: “*Sim. Somos acompanhados uma vez por mês, no mínimo, por uma psicóloga que atende a todos os seminaristas do seminário onde resido. Também temos na grade de Filosofia uma matéria intitulada “Psicologia Geral”.* Pedro disse que: “*Desde os primeiros anos de seminário tive acompanhamento psicológico. Isso até o segundo ano de filosofia mais ou menos. Depois na teologia, senti que deveria continuar, e assim o fiz por mais um ano. Isso é agora uma norma dos seminários. Além da direção espiritual, acompanhamento psicológico”.*

Segundo o documento escrito pela Congregação para Educação Católica (2008), não fica a cargo da psicologia articular sobre os costumes da vocação religiosa, mas sim, sobre as condições psicológicas (emocionais e de comportamento) dos candidatos ao sacerdócio. O papel da psicologia na preparação dos seminaristas seria o de reconhecer se a pessoa vivencia a vocação como um chamado que tem todo seu sentido no recinto da fé, ou se está enganado

em relação a seus sentimentos, fazendo uma escolha motivada por outros fatores (como a fuga de conflitos internos, por exemplo).

Sobre o trabalho do psicólogo nos enfrentamentos de dificuldades no seminário João falou: *“Sem sombra de dúvidas, o auxílio das ciências psicológicas é de vital importância na preparação dos futuros ministros ordenados, pois possibilita ao jovem seminarista conhecer-se, em seus dramas, sofrimentos e problemas, mas vendo seu caminho com alegria, entusiasmo e esperança. Pedro respondeu: Creio que ajudaria e muito. Mas tudo depende da abertura de cada seminarista. Acho que não devemos colocar tudo na psicologia, existem outras dimensões que podem ajudar também. A psicologia é uma delas”*.

De acordo com Antunes e Amatuzzi (2013) O psicólogo no seminário pode ajudar o candidato ao sacerdócio, ou até mesmo as autoridades religiosas a perceberem a autentica vocação, através de elaboração de critérios de discernimento e instrumentos de verificações (como testes e entrevistas), auxiliando na preparação através de trabalhos em grupos ou psicoterapias, amparando nas dificuldades que poderão surgir durante o período dedicado a sua formação sacerdotal.

Na entrevista com o clero, ao questionar sobre a posição dos mesmos em relação à pedofilia na Igreja Católica, Jacó respondeu que: *“Como um peso, sabemos que é uma doença, mas cada vez que aparece na mídia expõe e envergonha a igreja, aquilo que você escolheu”*. Mateus falou que: *“Tolerância zero, pedofilia não se condena o pecador, mas o pecado, porém o pedófilo tem que responder perante a justiça civil e perante o tribunal eclesiástico, se for comprovado pode ser inclusive suspenso”*. *“No passado se acobertava, hoje não acontece mais. E Jeremias por sua vez, disse: Reconhecer que é crime, não tem uma relação íntima entre a pedofilia e a Igreja Católica, com nenhuma outra igreja ou religião”*.

Traístes a confiança que os jovens inocentes e os seus pais tinham em vós. Por isto deveis responder diante de Deus onipotente, assim como diante de tribunais devidamente constituídos. [...] Quantos de vós sois sacerdotes violastes a santidade do sacramento da Ordem Sagrada, no qual Cristo se torna presente em nós e nas nossas ações. Juntamente com o enorme dano causado às vítimas, foi perpetrado um grande dano à Igreja e à percepção pública do sacerdócio e da vida religiosa. (PADRE BENTO, XVI)

Em relação à saída da pedofilia no âmbito clerical para as mídias, Jacó disse que: *“Primeira coisa é visto como um problema da pessoa, de um membro, a mídia joga como se fosse um problema da igreja, mas o que vemos é uma pessoa que precisa ser ajudada e afastada do cargo”*. Mateus respondeu: *“Cada padre tem mais ou menos uma resposta, um jeito de responder, mas todos diriam com toda certeza que a resposta final vai vir do tribunal civil e do*

*da igreja, pois não tem tolerância. Jeremias objetou da seguinte forma: Não existe orientação para isso. Investigação- Papa Francisco pede para que se investigue. É preciso conhecer o contexto da situação”.*

Para o Papa Francisco em relação à mídia nos fala que: Por vezes, quando semelhantes males nos deturpam a alma e nos lançam no mundo fragilizados, amedrontados, entrincheirados nos nossos confortáveis “palácios de inverno”, o amor de Deus vem ao nosso encontro e purifica as nossas intenções para amar como homens livres, maduros e críticos. Quando os meios de comunicação nos fazem sentir vergonha apresentando uma Igreja quase sempre em novilúnio, desprovida da luz do Sol de justiça (cf. Santo Ambrósio, Hexameron IV, 8, 32) e temos a tentação de duvidar da vitória pascal do Ressuscitado, penso que como São Tomé não devemos temer a dúvida (cf. Jo 20, 25), mas a pretensão de querer ver sem confiar no testemunho de quantos ouviram dos lábios do Senhor a promessa mais bela (cf. Mt 28, 20).

Indagados sobre o papel da psicologia na formação do clero, e sua importância Jacó relatou: *“É trabalhada bastante, pastoral presbiteral criada através da psicologia, onde o padre é ensinado a se cuidar e cuidar do outro, trabalhando a dimensão afetiva. Antes da ordenação eles passam por acompanhamento psicológico. Existe o encontro nacional de padres psicólogos, são usadas somente linhas tradicionais da psicologia”.* Mateus respondeu: *“É de suma importância a psicologia e até a parapsicologia para que o padre junto com o atendimento espiritual que é a sua especialidade, possa entender a pessoa como um todo, ou seja, possa compreender não só o lado espiritual, mas o lado psicológico da pessoa como um todo e assim poder ajudar. Durante a preparação eles têm uma pessoa que os acompanha, além dessa pessoa eles fazem curso de psicologia e passam por um período de terapia. Jacó contrapôs: A formação é apenas acadêmica”.*

Segundo as Diretrizes da preparação dos seminaristas (1992) os formadores necessitam de uma adequada preparação, para assim ter um adequado discernimento para decidir a admissão do candidato ao sacerdócio. Por isso o formador também deve ter um acompanhamento psicológico, uma vez que a psicologia também se faz necessária para os seminaristas para assim perceber as reais motivações do candidato, de discernir os obstáculos na integração entre a maturidade humana e cristã e as eventuais psicopatologias. A psicologia ainda como um auxílio ao crescimento humano.

Sobre o celibato e a castidade como influência na pedofilia Jacó respondeu que: *“Não, pois é uma escolha que tu fazes, tem todo um trabalho, a pessoa escolhe ser padre, por exemplo, a religião luterana tem dificuldades de encontrar pastores e eles são casados. É trabalhado o tempo todo “é isso que você quer?”. A igreja esta revendo, pois exige bastante, mas para a*

*igreja rever o casamento dos padres vai mais uns 200 anos, pois é muito tradicional, mas a igreja esta perdendo, á 30 anos atrás tínhamos 25 mil padres, atualmente 26 mil, diminuição do clero. João Paulo enquanto Papa não quis tocar no assunto. Temos também a questão da mulher, biblicamente não tem impedimento, isso assim como o casamento são normas da igreja, sendo que Roma foi evangelizada por mulher a partir do séc. V que começou a mudar. A Igreja Católica pegou coisas de outras religiões como as roupas que vieram do Paganismo, o ritual dos Judeus e o Cristiano de Jesus a imposição das mãos”. Mateus por sua vez falou: “Acredita que não, o problema não está aí, por esta causa o padre pode cometer infidelidades por não tem uma família, com a pessoa adulta. A pedofilia pode vir de qualquer pessoa em qualquer estado civil”. Em sua resposta Jeremias diz: “Não, mas pode ser que sim. A questão do eu primeiro (virgindade) o desejo de ser o primeiro”.*

O sacerdócio masculino e o celibato são assuntos controversos, antes do Concilio Vaticano II, o celibato não era questionado nem assunto muito falado, e muito menos visto como algo que interferisse na vocação religiosa. Porem a partir de 1960 surgiu um status na qual tornou o celibato um “assunto difícil”, ligado também aos temas homossexualidade e a ordenação de mulheres. (ROSE, 2002)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que a psicologia é uma ciência ainda pouco valorizada, mas que por sua vez se faz necessária em todos os lugares. Neste contexto se faz importante destacar a psicologia na formação do clero. De acordo com as respostas apresentadas, pode-se perceber que a psicologia sim se faz presente no meio religioso. O seminarista João relata em sua fala que o atendimento psicológico é realizado uma vez ao mês, dizendo ainda que a psicologia é de vital importância, assim como padre Mateus que fala do valor da psicologia no seminário, alegando que o trabalho psicológico se faz tão necessário quanto o espiritual, através destas falas e dos demais entrevistados (exceto de Jacó que diz que a formação é apenas acadêmica) percebe-se que a psicologia vem auxiliando os seminaristas em sua preparação para o segmento da vida religiosa, através de acompanhamentos, uma vez que os mesmos hoje possuem matérias voltadas à questão psicologia, para assim poder auxiliar a comunidade, não só espiritualmente como emocionalmente.

Através dos resultados obtidos nota-se ainda que o celibato por sua vez não seja causa da pedofilia na Igreja Católica, na fala de Jacó que deixa claro a vida religiosa ser uma escolha e na de Matheus, dizendo que a pedofilia pode vir de qualquer pessoa em qualquer estado civil,

pois o mesmo acontece em outros campos, onde o casamento incide e o abuso sexual contra menores ocorre da mesma forma. O julgamento perante a igreja se acarreta pelo fato da confiança depositada nos sacerdotes, entretanto lembra-se que 70% dos abusos são de relações intrafamiliares, onde a confiança se é infringida.

Fazer este trabalho me proporcionou certa inquietação, pelo fato de crer nas duas áreas (a psicologia enquanto ciência e a religião), foi assim que para o artigo, foquei na psicologia como uma aliada nos seminários e em todo o âmbito clerical. Mostrando que as duas podem caminhar juntas no que diz respeito ao outro. Compreender o outro em sua totalidade, sem julgamentos, apenas o outro como ele é com seus defeitos, seus erros, entender o outro como um ser humano que muitas vezes precisa de ajuda.

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, T; AMATUZZI, M. **Grupo de crescimento psicológico na formação sacerdotal: pertinência e possibilidades.** Gerais - Revista Interinstitucional de Psicologia, jul - dez, 2013

ARINZE, Francis. **Reflexões sobre o sacerdócio: carta a um jovem padre.** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009. 94 p.

AZAMBUJA, M. R. F. de. **Violência Sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança?** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

CARTA do Papa Francisco Aos Bispos do Chile Referente às Informações Entregues Por D. Charles J. Scicluna. Libreria Editrice Vaticana *Vaticano*, 8 de abril de 2018.

CONGREGAÇÃO Para Educação Católica. **Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio.** 2008.

CONGREGAÇÃO Para A Educação Católica. **Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras.** Cfr. *Pastores dabo vobis*, nn. 43-59, *aas* 84. 1992. Disponível em: <http://www.clerus.org/clerus/dati/2009-01/13-13/CRITERIOS.html>. Acesso em: 11/11/2018.

COMPÊNDIO do Vaticano II: **constituições, decretos, declarações**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 743 p.

CROCE, D. **Manual de medicina legal**: Delton Croce e Delton Croce Jr. 7º. ed. ver. São Paulo: Saraiva, 2010.

CUCCI, G; ZOLLNER; H.B **Igreja e Pedofilia: Uma ferida aberta**. São Paulo: Loyola, 2011.

DANTAS, B.S.do A. **Sexualidade, cristianismo e poder**. Rio de Janeiro, 2010.

DEBLINGER, E. & HEFLIN, A. H. **Abuso sexual infantil**. São Paulo: Editorial Psy. 1995.

DINIZ, L.; COUTINHO, L. **Violadas e feridas dentro de casa**. Revista Veja. São Paulo, ano 42, n.12, p.82-90, mar. 2009. Edição Especial.

DIRETRIZES Sobre a Preparação dos Educadores Nos Seminários. (1992). Cf. Pastores dabo vobis, n. 66c: AAS 84. Disponível em: <https://pt.zenit.org/articles/orientacoes-da-santa-se-sobre-psicologia-e-seminaristas>. Acesso em:15-11-2018.

DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II. (1962 – 1965) Tradução de Tipografia Poliglota do Vaticano. São Paulo: Paulus, 1997.

DOYLE, T P. **Sex, Priests, and Secret Codes: The Catholic Church's 2.000-Year Paper Trail of Sexual Abuse**. Los Angeles: Ed. Volt, 2006.

ENTREVISTA com o Santo Padre durante o Voo Rumo ao Reino Unido. Quinta-feira, 16 de setembro de 2010- Disponível em [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20100916\\_interv-regnounito.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20100916_interv-regnounito.html)-. Acesso em: 11/11/2018.

ENTREVISTA concedida pelo Papa Bento XVI aos jornalistas durante o voo para SIDNEY (AUSTRÁLIA) Voo Papal, Sábado, 12 de julho de 2008- Disponível em: [http://www.vatican.va/resources/resources\\_visit-australia-jul2008\\_po.html](http://www.vatican.va/resources/resources_visit-australia-jul2008_po.html)-. Acesso em: 11/11/2018.

FELIPE, J. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** Cad. Pagu, Campinas, n. 26, junho 2006. Disponível em: [www.scielo.br/SciELO](http://www.scielo.br/SciELO). Acesso em: 20/05/2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder** (org. e trad. Roberto Machado) Rio de Janeiro: Edições Graad, 1926-1984. (1979).

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Manuel Barros de Moth. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1926-1984. (2004).

GOMES, I. M. M. **Efeito e Recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços, 2004. 258 p.

HISGAIL, F. **Pedofilia: um estudo psicanalítico**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

JOÃO PAULO II - **a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais**- Copyright - Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <http://www.clerus.org/clerus/dati/2009-01/13-13/CRITERIOS.html>- Acesso em: 11/11/2018.

JUNG, C.G. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Trad. Araceli Elman. Petrópolis: Vozes, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... [et al.] revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.] **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**; – 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MENSAGEM DOS PADRES SINODAIS AO POVO DE DEUS (28 de outubro de 1990), IV: *l. c.*

MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

PEREIRA, W. C. C. **Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: PUC, Minas, 2012.

REIS, A. R M. **O crime do padre Amaro**: individualização, celibato e sexualidade discutidos em um romance. 2012

ROSE, M. S. **Adeus Homens de Deus**. São Paulo: Ecclesiae, 2015

SANDERSON, C. **Abuso Sexual em Crianças**: Fortalecendo Pais e Professores para Proteger Crianças de Abusos Sexuais. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SANTOS, A. B. dos R.; CECCARELLI, P. R.. **Psicanálise e moral sexual**., Belo Horizonte: Reverso, 2010.

VERDAN, T. L. **Um Grito no escuro: A (in)impulsionalidade do Pedófilo Preferencial à luz da Psiquiatria Forense**. Cachoeiro de Itapemirim-ES, 2011.

SILVA, E. O. **Sacerdotes e Maridos**: identidades e memória do movimento de padres casados no Brasil. abril de 2010. Disponível em: [www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources](http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources). Acesso em: 19 maio 2018.

TELLES, L. E. de B. Um olhar psiquiátrico sobre os delitos sexuais. In:\_\_\_\_\_; BRAUNER, M. C. C. (Org.). **Violência Sexual Intrafamiliar/ Uma visão interdisciplinar**: contribuições do Direito, da Antropologia, da Psicologia e Medicina. Pelotas: Delfos, 2008.

TRINDADE, J. Aspectos psicológicos. In:\_\_\_\_\_; BREIER, R. **Pedofilia aspectos psicológicos e penais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.